

CIDADES HUMANIZADAS IV

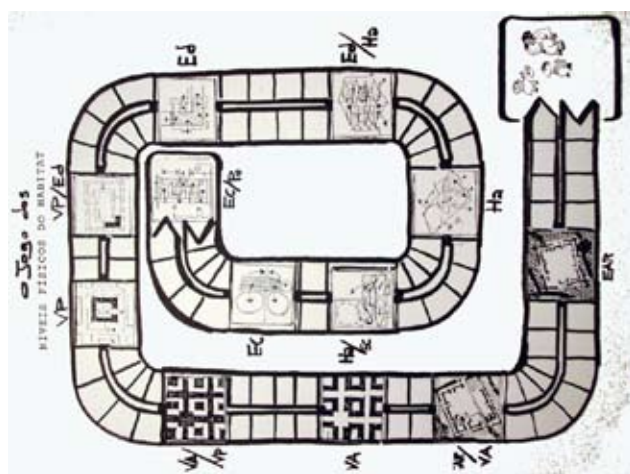
O fundamental “jogo da glória” diário entre habitação e cidade

António Baptista Coelho (*)



Num mundo cada vez mais urbano, globalizado e reduzido pelas tecnologias de informação, numa vida marcada pelo consumismo, num século que parece que se teria iniciado sem ideologias e com a ideia de que certas qualidades fundamentais do bem-viver, como o convívio, a solidariedade e até a capacidade poética, seriam meras perdas de tempo, e que, afinal, acorda para a insensatez de tais ideias e para problemas de qualidade de vida diária que muitos pensavam serem já fantasmas do passado; é talvez a boa altura de nos determos

sobre a importância que pode ter uma verdadeira qualidade do nosso habitar urbano e quotidiano e de como esta qualidade se deve exercer. E ao entender que essa qualidade pode ser realmente muito marcante numa vida mais agradável e com mais significado, poderemos querer começar a ter muito mais cuidado com as características do habitar desse nosso jogo que se quer da glória, e que, diariamente, acontece através dos nossos cenários de vida urbana e residencial, entre casa e cidade e, depois, da cidade à nossa habitação.



O “jogo da glória” diário da habitação à cidade e vice-versa, tal como foi apontado num estudo do LNEC, há já alguns anos (EAR, envolvente da área residencial; VA, vizinhança alargada; VP, vizinhança próxima; Ed, edifício; Ha, habitação; EC, espaços e compartimentos da habitação; Po, pormenorização).

E assim iremos, sempre, reafirmando uma verdadeira "profissão de fé" sobre a certeza de que a qualidade residencial é fundamental para uma vida melhor e mais estimulante e que uma tal importância decorre de muitos mais aspectos para além dos funcionais, e será mesmo possível afirmar, desde já, que alguns dos principais problemas de inadequação e de rejeição de determinadas soluções de habitar têm a ver, exactamente, com ter-se dado, durante dezenas de anos uma inusitada importância à funcionalidade doméstica, residencial e urbana, num sentido estrito de funcionalidade quase "mecânica", e de se ter considerado que a funcionalidade, por si só, é capaz de qualificar uma dada solução residencial e urbana, o que é um grave erro.

Há que sublinhar que não vivemos em máquinas de habitar e em máquinas urbanas e que não habitamos, realmente, "caixas" residenciais isoladas, mas sim diversos mundos de proximidade, mutuamente conjugados, pois "o habitar" deve poder ser feito, com um máximo de satisfação, quer na casa de cada um, quer na cidade com a qual nos devemos identificar, quer, entre a casa e a cidade, no mundo das vizinhanças de cada um, que, por um lado, podem ampliar, agradável e funcionalmente, os mundos domésticos, e que, por outro, podem trazer a imagem da cidade e o sentido urbano e cívico a cada vizinhança. Habita-se, assim, uma espiral contínua

de níveis físicos residenciais, desde os limites de um bairro aos espaços domésticos, passando pelos agrupamentos residenciais que, desejavelmente, devem constituir sistemas de vizinhança de proximidade, verdadeiramente coesos e atraentes. mundos residenciais - o centro urbano, o acesso ao centro, o bairro, a vizinhança, o edifício e a habitação -, mas também usamos, intensamente, os limiares e os elementos de relação e de transição entre aqueles; e há até quem afirme que a Arquitectura está, privilegiadamente, nesses elementos de relação, pois, afinal, são essas transições e ligações que verdadeiramente podem assegurar a continuidade e a coesão espacial, funcional, social e ambiental que deve caracterizar essa espiral.

Num livro que editei há alguns anos e onde faço uma apresentação sistemática dessa espiral - "Do Bairro e da Vizinhança à Habitação", ITA 2, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2000 -, chamei-lhe "jogo da glória" diário, um jogo que se desenvolve entre as nossas casas, as ruas onde moramos, os cafés e quiosques onde, eventualmente, paramos um pouco, não só por qualquer "necessidade", como será beber um café ou comprar o jornal, mas por qualquer outra vontade de parar e, por exemplo, passar os olhos pelo jornal, e, depois, a entrada nos grandes fluxos urbanos, até, depois, chegarmos ao sítio onde trabalhamos.



Mas o "jogo da glória" diário continua com os nossos percursos habituais a meio do dia, também pontuados pelos mais diversos ambientes, espaços e relacionamentos, até que, depois, no final do dia, fazemos o percurso inverso, que nos traz de volta ao nosso espaço de habitar familiar e pessoal, através de uma sequência de cenários urbanos desejavelmente vivos, seguros e estimulantemente encadeados.

E sublinha-se, aqui, uma reflexão que irá sempre marcar estes artigos sobre a humanização dos mundos urbanos, que é o diálogo constante que é necessário aplicar, em termos práticos, entre objectivos funcionais e outros objectivos essenciais para se viver com alegria e satisfação, pois já Christian Norberg-Schulz escreveu que: "A arquitectura se preocupa com algo mais do que necessidades práticas e economia. Ela trata de significados. Os significados derivam de fenómenos naturais, humanos e espirituais, e são experimentados como ordem e carácter. A arquitectura traduz estes significados em formas espaciais. As formas espaciais em arquitectura não são nem Euclidianas nem Einsteinianas. Em arquitectura as formas espaciais significam lugar, percurso e domínio, isto é, a estrutura concreta do ambiente humano. Por isso a arquitectura não pode ser satisfatoriamente descrita através de conceitos geométricos e semiológicos. A arquitectura deve ser entendida em termos de formas significantes". Iremos então aqui pensando um pouco sobre como melhorar esse "jogo da glória" urbano diário com um diversificado e bem fundamentado conjunto de qualidades, umas mais mensuráveis outras menos, tornando, assim, "o jogo" verdadeiramente mais glorioso. De facto a importância de uma "boa cidade" para um bom habitar é determinante, tal como ficou acima apontado nas referências feitas ao "jogo da glória" diário entre os nossos pequenos mundos domésticos, passando pela esquina da vizinhança onde dizemos bom-dia ao jornaleiro, até aos sítios da cidade onde trabalhamos e onde, afinal, também habitamos.

E complementarmente a um tal "jogo da glória" diário cidade-casa-cidade há mais a dizer, de forma destacada, sobre um habitar mais qualificado e que em nós produza verdadeira satisfação, pois a habitação não deve ser mais considerada como um bem de consumo que responde a imperativos funcionais, mas, essencialmente, como um bem cultural. O habitar deve deslocar-se, diz Jean Nouvel, "para o domínio dos bens de consumo culturais, domínio para o qual evolui realmente uma parte da sociedade" (Monique Eleb e Anne Marie Chatelet, "Urbanité, sociabilité et intimité des logements d'aujourd'hui", p. 247).

Sinceramente, nunca acreditei que a habitação e o habitar

pudessem ser considerados como bens de consumo funcionais e tenho mesmo a noção que quando tal aconteceu e acontece não houve nem há verdadeira satisfação com o habitar, haverá, sim, um habitar potencialmente influenciador de uma vida menos motivadora; pois há muito mais no habitar para lá da funcionalidade, diria mesmo que o verdadeiro habitar começa além da funcionalidade e quando a funcionalidade é verdadeiramente estruturadora é porque se conjugou com outras qualidades do verdadeiro habitar como os aspectos culturais, a versatilidade dos usos, a atractividade urbana, e outros aspectos que são até difíceis de designar, mas que cooperam de forma essencial na construção de um verdadeiro "jogo da glória" urbano e residencial.

E neste equacionar de um habitar marcado por aspectos afectivos, culturais e verdadeiramente cívicos, para além dos "correntes" aspectos funcionais, ficam evidenciadas as matérias ligadas - construção de uma satisfação com o habitar que tem de transbordar claramente do mundo doméstico para a esfera de um mundo residencial marcado por múltiplas e disseminadas sequências urbanas de "pequena escala", numa opção de activa e caracterizada relação com o sítio que se habita e que nos deverá habitar, muito positivamente.

E nestas matérias até nos podemos lembrar de situações e de sítios onde são as condições urbanas e de vizinhança que, de certa forma, equilibram condições domésticas menos positivas e de sítios onde são as agradáveis condições urbanas que se assumem como verdadeiros complementos funcionais, espaciais e ambientais de condições domésticas espacialmente escassas. E em tudo isto é estratégico e é adequado fazer funcionar, humanisticamente, o tal jogo, que se quer, o mais possível, "da glória", de uma pequena/grande glória diária, que nos faça viver o melhor possível um dia-a-dia entre casa e cidade, aproveitando ao máximo o que uma e outra nos pode oferecer em termos funcionais, afectivos e culturais.

Há, no entanto, que sublinhar que uma tal perspectiva depende, em boa parte, de uma boa cidade, de uma cidade mais humanizada, e de uma excelente integração, nessa cidade, dos espaços de vizinhança residencial e também de outros espaços e de outras vizinhanças, aspectos que já referimos nesta série de artigos e aos quais voltaremos.

(*) arquitecto (ESBAL), doutor em Arquitectura (FAUP), Presidente da Dir. do Grupo Habitar, Investigador e Chefe do Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do LNEC, membro da Comissão Técnica da FENACHE, Vice-presidente da NHC, Nova Habitação Cooperativa.